

RUBEM AZEVEDO LIMA

Brasil: destino e honra

Em entrevista recente a nove jornalistas, na TV Cultura, o presidente Fernando Henrique mencionou, como conquista de seu governo, o fato de ter o Brasil ficado livre do que chamou de "armadilha dos juros altos e do câmbio supervalorizado".

As palavras do presidente podem não ter sido exatamente essas, mas esse foi o sentido de seu pensamento. Ditas em meio a diálogos cruzados, elas passaram mais ou menos despercebidas, apesar da carga de dramaticidade que continham.

Esse binômio de política econômica — muito contestado pelas oposições — surgiu e consolidou-se, no entanto, exatamente no primeiro quadriênio de FHC, como linha mestra de uma proposta dos economistas do governo, a pretexto de dar aos brasileiros a estabilidade monetária — o que fálhou — e, assim, uma vida mais digna.

Chega a ser maçante repetir a mesma ladainha, mas o que resultou de tal política? Milhões de desempregados, perda de ativos construídos com o sacrifício e o idealismo de várias gerações de brasileiros, a regressão do país quase ao status de colônia, dada a dependência

econômica a que o reduziram no cenário mundial.

Um jornalista de Brasília concluiu, há dias, estudo sobre a situação do Brasil, por efeito da Revolução de 30. Goste-se ou não de Getúlio Vargas e dos que fizeram esse movimento, o país mudou para melhor a partir de então. E soube aproveitar os choques de interesses internacionais, construindo um parque industrial forte. Com isso, tornou-se respeitado, embora sem resolver as questões sociais e políticas internas. O que se fez dessas conquistas, ampliadas pelos militares, nas mesmas circunstâncias? Perderam-se quase todas, melancolicamente, em cinco anos, segundo as análises do jornalista. Restou o travo das ditaduras que as alcançaram.

Outro estudioso do Brasil pós-1930, Viriato Gomes, fez o paralelo entre Vargas e FHC. O primeiro, diz ele, fortaleceu o Estado, colocando em cargos públicos empresários com preocupações cívicas. O segundo esfacelou o Estado e vendeu suas empresas a grupos estrangeiros, preocupados apenas com seus lucros.

Agora, diz o presidente que o país saiu da armadilha dos juros e do

câmbio em que se metera por artes do próprio governo. Mas, enquanto nela esteve preso, o Brasil fugiu ao seu destino. E não há tragédia pior, para os cidadãos de um país, do que verem — como 165 milhões de brasileiros vêem — o futuro fugir-lhes diante dos olhos, pelo fracasso das elites que devem proteger seus interesses e não o fazem.

O filósofo Emil Cioran condenou, há tempos, os governantes que destroem o destino de seus povos. Referia-se ele aos governos da velha Europa, de novo conflagrada, mas berço de tantas conquistas da civilização universal. Éramos, então, apenas um país de futuro promissor. Os europeus tiveram brilhante apogeu, mas, a seu ver, estavam decadentes. Pois hoje, embora muito longe dessa culminância, o Brasil dá sinais de ir no mesmo rumo.

Há esperança de salvar o nosso futuro? Há. E pode estar nas mãos da nova geração de procuradores da República. Os jovens e incorruptíveis Robespierres da Justiça, da democracia e da honra nacional, que atendem às aspirações de quase todos os brasileiros: defendem o Tesouro e o que resta do patrimônio do país.